

O SUICÍDIO E A ADOLESCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA¹

Karen Cristina Figueira Freitas²
Hítala Maria Campos Gomes³

RESUMO: A psicanálise pensa a adolescência como um processo de transição, marcado, principalmente, por mudanças no plano da subjetividade. As transformações são experimentadas de modo singular, portanto, cada um reagirá de modo diferente nesta fase, sendo que muitos ficarão presos em conflitos, angústias, sintomas somáticos, depressão e até mesmo podem partir para o suicídio. Assim, o suicídio pode ser pensado como uma tentativa de sair de algo insuportável, do qual, muitas vezes, o adolescente não consegue dizer o que é. O objetivo deste artigo é discutir sobre as causas das tentativas de suicídio na adolescência e como a psicanálise surge como um espaço possível a este jovem, para que ele tente expressar o que sente e para que possa inventar outra saída que não este ato.

PALAVRAS-CHAVE: suicídio na adolescência; psicanálise com adolescentes; tratamento psicanalítico.

I - A ADOLESCÊNCIA

A adolescência tem sido tomada, em quase toda a produção sobre o assunto, na psicologia, como uma fase natural do desenvolvimento, isto é, todos os seres humanos, na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência. (BOCK, 2004, p.32)

Na teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget, a adolescência está no estágio operatório formal, e consiste no indivíduo alcançar o padrão intelectual que persistirá durante a fase adulta. Tem a capacidade de criticar os sistemas sociais, propor novas formas de conduta, discutir valores morais de seus pais e ter suas próprias ideologias. (SALVADOR, MARCHESI, PALACIOS, 2004)

Diante disso, pode-se dizer que, a adolescência é uma fase onde há uma grande transformação. O indivíduo não é apenas moral, não segue o que é dito pelo sentimento de medo e amor, mas reflete, sendo ético com ele mesmo, pois segundo Yves De La Taille (1992), a ética é o questionamento das regras, a expansão e evolução de si. O que possibilita ao adolescente ter o pensamento mais racional em relação a si e começa a questionar se vale a pena seguir os padrões aprendidos.

Tanto para a ciência quanto para a psicologia, a adolescência é caracterizada por uma etapa intermediária entre a infância e a fase adulta, marcada por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. No senso comum, a adolescência é falada como o período da “aborrecência”. Já a psicanálise, pensa a adolescência como um processo de transição, na qual ocorrem mudanças marcadas pela dificuldade que o sujeito encontra em continuar se situando no discurso familiar que até então o dava uma ideia de si mesmo. Ele começa a ter desejos e pensamentos

¹ Trabalho desenvolvido a partir do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”, realizado durante o ano de 2017, na Faculdade Multivix (Cariacica/ES).

² Graduanda em Psicologia da Faculdade Multivix (Cariacica/ES) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”.

³ Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica e da Família, Psicanalista, Professora do departamento de Psicologia da Faculdade Multivix (Cariacica/ES e Vila Velha/ES), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”.

que se diferenciam daquelas expectativas desenvolvidas por seus pais. (LACADÉE, 2011)

Nesse sentido, é importante distinguir a puberdade da adolescência. Enquanto a puberdade é marcada por transformações físicas nos órgãos sexuais, que ocorrerá em todos os sujeitos, de modo programado, a adolescência provém dos efeitos decorrentes da puberdade e provocará uma mudança no plano da subjetividade. Cada jovem atravessa esse momento de modo singular, e terá que encontrar uma maneira de lidar com estas transformações, construindo uma nova resposta diante do furo que surge no real. (SANTIAGO, 2016)

De acordo com Silva (2016), pelo fato das alterações que ocorrem no corpo serem experimentadas de forma singular, nem todos terão tranquilidade neste processo, e isto produz uma reviravolta na posição do sujeito. Surge uma nova apreensão imaginária do seu corpo, e também uma retomada de posição diante da palavra.

Para Lacadée (2011), neste momento, entra em questão uma dimensão do ato, que implica uma decisão, uma tentativa de fazer surgir seu próprio ser. O ato seria a saída para o impasse da relação com o Outro (no caso, a família), daquilo que é impossível de dizer e que leva ao sentimento de exílio. É o tempo de se desligar da autorização dos pais e se pronunciar e se responsabilizar pelos seus atos diante deste Outro.

Dessa forma, o adolescente passa a tomar uma posição na língua, sua própria posição e que em algumas vezes ocorrerá de uma forma desrespeitosa e incômoda para o Outro. Não é à toa que serão chamados por muitos de rebeldes, vândalos entre outros adjetivos. É importante deslocar os insultos e as provocações dos adolescentes da pessoa insultada, pois na verdade, o que ele visa é seu próprio ser de sujeito que na maioria das vezes não consegue trazer em palavras. Algo de uma novidade desperta no adolescente, no seu corpo e no seu pensamento, e se ele não consegue uma forma de dizer, mesmo porque nem ele entende, ou ainda pensa que não pode dizer ao outro, ele será, então, desrespeitoso e provocante numa tentativa de obter o reconhecimento de que há algo de novo nele. (LACADÉE, 2011)

Freud (1905, p.127), no seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, aponta que a puberdade é marcada por mudanças que levarão a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva.

Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital.

Se antes a pulsão sexual predominante era auto-erótica (seio, fezes), agora ela irá encontrar um objeto sexual. Geralmente a mãe, por ser a pessoa que dá toda a assistência inicial necessária à criança, irá despertar nela a pulsão sexual preparando-a para o futuro. As pulsões terão grande importância para toda a vida do sujeito, até mesmo para obter as realizações éticas e psíquicas futuras. Toda a ternura que a mãe transmite para a criança quando pequena, irá servir ao seu desenvolvimento e auxiliará na sua vida futura. É claro que a falta ou o excesso da ternura também trarão consequências para a vida adulta.

Com a puberdade, portanto, a escolha de objeto é reatualizada, ou seja, a escolha será

feita de acordo com aquilo que a criança pode vivenciar quando muito pequena, o objeto já foi encontrado anteriormente, agora ele será reencontrado e transferido para uma outra pessoa, não mais aquelas do seu meio familiar. (FREUD, 1905)

Lacadeé (2011) aponta que a adolescência deveria ser a época das descobertas e do florescer, mas é também muito marcada por conflitos. Os jovens muitas vezes se envolvem em manifestações, violências urbanas e anárquicas em uma tentativa de se fazer existir. Isso ocorre quando o adolescente não consegue ou não soube encontrar no discurso uma maneira de refrear seu gozo, ou não conseguiu encontrar uma outra maneira de saber fazer algo com isto.

O adolescente busca, então, a sua identidade, a fim de sair do desamparo, da solidão, e evitar a exclusão na tentativa de se sentir pertencente a algum grupo. (AMARAL, 2007)

De acordo com Miller (2015) há uma tendência nesta época de se isolar os adolescentes, os distanciando dos adultos numa cultura própria a eles, suscetíveis à moda, ao entusiasmo, às tendências. Os objetos assim são múltiplos e permitem uma indecisão infinita, não é preciso escolher apenas um, há um adiamento das decisões para o mais tarde possível. Se hoje ele faz parte de um determinado grupo, amanhã poderá se incluir em um outro, onde encontrará outro objeto de satisfação. Assim, ocorre um distanciamento dos adultos com relação a eles e uma tendência à padronização, como se todos os adolescentes que pertencem a determinado grupo fossem iguais.

Com isso o adolescente tende a se sentir confuso e ansioso. Para Amaral (2007, p.10), “Na verdade, é o mundo adulto que não suporta as contradições dos adolescentes, não aceita suas identidades transitórias e exige deles uma atitude adulta para qual ainda não estão capacitados”.

Portanto, não restam muitas saídas ao adolescente, e por conta da posição subjetiva de cada um deles, muitos ficarão presos em conflitos, angústias, sintomas somáticos, depressão, podendo até mesmo partir para a tentativa de suicídio.

O psicanalista aparece, então, numa tentativa de abrandar a dimensão sintomática deste sujeito, uma vez que é através de uma escuta que tanto a família como o adolescente poderão dizer sobre o que acontece, o mal-estar, o incomodo.

Dessa forma, a análise é a tentativa de encontrar para esses deslizos dos adolescentes um ponto de maior estabilidade, para que ele consiga ser de um modo diferente, podendo ter o respeito que tanto clama, sem que para isto seja necessário praticar atos tão mortíferos. (LACADÉE, 2011)

Assim, é possível ao adolescente, por meio de suas singularidades, encontrar saídas diante deste encontro com o real, dando lugar aos seus sintomas particulares como um esforço de enunciação e invenção.

II - SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

O Conselho Federal de Psicologia (2013), aponta para os diversos fatores que levam o indivíduo em uma busca pela morte, como tentativa para eliminar a dor e o sofrimento, entre eles destacam-se: fatores emocionais, psiquiátricos, religiosos e socioculturais.

Em 1910 Freud já abordava sobre o tema do suicídio e o importante papel da escola. De acordo com ele:

[...] uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir

seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia oferecer-lhes o apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. (FREUD, 1910, p.243)

Sendo a adolescência uma época de grandes transformações, ela pode também possibilitar uma maior fragilidade do adolescente com relação à vida. Há um não saber dizer o que se sente, e muitas vezes, nem mesmo se sabe o que se sente.

O suicídio, é então, pensado à luz da psicanálise como a tentativa de sair de algo insuportável, de sair de um momento de crise extrema, que na maioria das vezes não se consegue dizer sobre. Mais do que isso, Ansermet (2003, p.180) aponta como sendo uma “Tentativa desesperada e extrema de instauração subjetiva, essa resposta no real expõe algo que, via de regra, o próprio sujeito não compreende no momento em que o faz”.

Dessa forma, o ato suicida pode ser comparado a um momento de decisão do ser, para muitos adolescentes a tentativa de suicídio seria uma possibilidade de se fazer existir. (LACADÉE, 2011)

Porém, este é o grande paradoxo do suicídio: justamente por sofrer com a vida buscase a morte, com isso, a morte aparece como uma solução para a vida. (ANSERMET, 2003)

Uma grande descoberta freudiana foi perceber que nem tudo no sujeito trabalha para seu bem, existe algo que pelo contrário trabalha rumo à destruição (pulsão de morte).

Para Freud (1917, p.257) o impulso de autodestruição só é possível quando o ego volta contra si mesmo o que ele dirigiria a outra pessoa ou objeto: “A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetual, puder tratar a si mesmo como um objeto - se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto [...]”.

Dessa forma, em Freud o suicídio está em conformidade com a pulsão de morte, isto significa que há algo que habita o sujeito e o corrói e destrói. (MILLER, 2014)

Lacan (1959-1960) em seu seminário livro VII: Ética da psicanálise irá demonstrar que ao contrário da história filosófica da ética, nem sempre o sujeito irá agir em prol de um bem, ao contrário, existe a possibilidade do sujeito atuar para se prejudicar.

Pode-se falar, então, em uma ruptura entre o pensamento e o ato. Enquanto o pensamento é permeado pela dúvida, a essência do ato é a certeza. Falar em ato é falar de uma passagem, de um ultrapassamento que só posteriormente poderá ser compreendido. É nesse lugar de ato que se encontra o suicídio. (ANSERMET, 2003)

Quando acontece o ato, é porque não existe mais dúvida, nem solução possível, nem escolha, e o sujeito passa a agir.

A passagem ao ato é, pois, o deslocamento para o real daquilo que o sujeito não consegue simbolizar. Tal atitude não se dirige a ninguém, “[...] é um modo particular de instauração do sujeito, mesmo se ele está verdadeiramente desesperado”. (ANSERMET, 2003, p.175)

Na falta de outros meios, a passagem ao ato é a forma de tratamento que o sujeito dá a si mesmo.

Lacadée (2011) marca outras questões importantes quanto a possibilidade do suicídio na adolescência, entre elas encontra-se o impulso para condutas de risco.

Por ausência de referências tradicionais, muitos adolescentes são entregues ao abandono, o que os obriga a se tornarem responsáveis por sua própria existência. Tal fato, conduz alguns jovens a testar sua própria existência para saber se vale a pena ou não existir. Apesar da dúvida, das angústias e conflitos, muitos conseguem passar por esse período e chegar à vida adulta.

Alguns, no entanto, hoje cada vez mais numerosos, não hesitam em se lançar em condutas sintomáticas, ditas *condutas de risco*. Testemunham a falta a ser, o sofrimento e a necessidade interior de se confrontarem com o mundo, com o intuito de se livrarem do que não está bem em suas vidas e de reconhecer os limites necessários ao desenvolvimento de sua existência. (LACADÉE, 2011, p.56)

Tais condutas referem-se a uma probabilidade de se machucar ou de morrer, como por exemplo: toxicomanias, alcoolismo, direção perigosa, tentativas de suicídio, distúrbios alimentares.

Vários são os fatores que podem levar os adolescentes a adquirirem essa forma de conduta, entre elas destacam-se o abandono familiar, a indiferença da família, o fato de alguns pais quererem manter sua juventude se identificando com os filhos, e recusando a responsabilidade de serem mais velhos. Além disso, violências ou abusos sexuais, desentendimentos do casal parental, hostilidade do padrasto ou madrasta que também levam o adolescente ao desejo de se ausentar da família. (LACADÉE, 2011)

Para Lacadée (2011, p.57):

Trata-se sempre de uma falta de orientação, de limites insuficientemente estabelecidos ou jamais dados. As condutas de risco são, pois, solicitações simbólicas da morte na busca desses limites, tentativas desajeitadas e dolorosas de se situar no mundo, de ritualizar a passagem à idade adulta e de marcar o momento em que o agir ultrapassa a dimensão do sentido.

Assim, quando esses limites não comparecem o jovem os busca no próprio corpo, marcando-o, seja por meio de tatuagens e piercings ou ainda por incisões, cortes.

Dessa forma, por essas condutas os adolescentes tentam muito mais se fazer existir do que morrer. Justamente “Por não receber essa marca do Outro simbólico, o adolescente a providencia sozinho e, assim, pede para ser ouvido em sua dimensão de sofrimento, de apelo, de invenção da vida”. (LACADÉE, 2011, p.60)

Nesse contexto surgem muito programas que tentam prevenir, controlar e avaliar tais comportamentos, contudo eles na maioria das vezes negam a dimensão subjetiva. A psicanálise atua, então, na tentativa de balizar esse impasse do sujeito, respeitando-o, escutando-o, dando um lugar para emergência desse ser. (ANSERMET, 2003)

Pensando que a crise é também um momento fundamental para o sujeito, onde pode emergir novas coisas, a psicanálise surge como este espaço possível para que o adolescente tente simbolizar, tente falar sobre que o sente e para que possa inventar uma outra saída que não o ato.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, V. L. A psicologia da adolescência. Rio Grande do Norte: **EDUFRN**, 2007. Disponível em: < http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/Psi_Ed_A05_J_GR_20112007.pdf > . Acesso em: 17 Nov. 2017.
- ANSERMET, F. **Clínica da origem**: a criança entre a medicina e a psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- BOCK, Ana. A perspectiva sócio-histórica de leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. São Paulo, 2004. Disponível em: < <http://www.ccp.uenp.edu.br/dirposgrad/gepem/texts/gepem070-019.pdf> > . Acesso em: 17 Nov. 2017.
- CFP. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília, 2013. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf> > . Acesso em: 17 nov. 2017
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. _____ . Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. (1910). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XI. _____ . Luto e Melancolia (1917 [1915]). Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV.
- LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
- LACAN, J. **O Seminário livro VII: Ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, .
- MILLER, J.A. Em direção à adolescência. **Minas com Lacan**, Belo Horizonte, jun. 2015 Disponível em: < <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/> > . Acesso em 05 mar. 2016.
- _____. Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. **Opção lacaniana online**, mar. 2014. Disponível em: < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf > . Acesso em: 07 nov. 2017.
- SALVADOR, C. C; MARCHESI, A; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2ª. ed. Rio Grande do Sul: Penso, 2004.
- SANTIAGO, A. L. Procrastinação, autoerótica e depreciação: sintomas dos jovens com relação ao saber. 2016. Disponível em: < <http://www.encontrobrasileiro2016.org/sintomas-de-jovens> > Acesso em 08 set. 2016.
- SILVA, R. F. Argumento do XXI encontro brasileiro do campo freudiano: Adolescência, a idade do desejo. São Paulo, 2016. Disponível em < <http://www.encontrobrasileiro2016.org> > Acesso em 08 set. 2016.
- TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.